



PNAD Contínua – Brasil

(Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios)

3º Trimestre/2020

⇒ **Taxa de desocupação: 14,6%**

- ↑ 1,3 ponto percentual na comparação com o trimestre anterior
- ↑ 2,8 p.p. frente ao mesmo trimestre do ano anterior
- Essa é a taxa mais alta de toda a série histórica iniciada em 2012

⇒ **População desocupada: 14,1 milhões**

- ↑ 10,2% em relação ao 2º trimestre (mais 1,3 milhão de pessoas)
- ↑ 12,6% (1,6 milhão de pessoas a mais) no confronto com igual período de 2019

⇒ **População ocupada: 82,5 milhões**

- Menor patamar da série histórica
- ↓ 1,1% em relação ao trimestre anterior (menos 880 mil pessoas)
- ↓ 12,1% comparado com o mesmo trimestre de 2019 (menos 11,3 milhões de pessoas)

⇒ **Taxa de subutilização da força de trabalho: 30,3%**

- Recorde da série histórica
- ↑ 1,2 p.p. com relação ao trimestre anterior (29,1%)
- ↑ 6,3 p.p. com relação ao mesmo trimestre de 2019 (24,0%)

⇒ **Empregados com carteira assinada: 29,4 milhões**

- ↓ 2,6% na comparação com o trimestre anterior (788 mil pessoas a menos)
- ↓ 11,2% frente ao mesmo período de 2019 (menos 3,7 milhões de pessoas)

⇒ **Empregados sem carteira assinada: 9 milhões**

- ↑ 4,3% frente ao trimestre anterior
- ↑ 23,9% comparado com o mesmo trimestre de 2019 (menos 3 milhões de pessoas)

⇒ **Trabalhadores por conta própria: 21,8 milhões**



- ↑ 0,6% na comparação com o segundo trimestre do ano
- ↓ 10,8% frente ao mesmo período de 2019

⇒ **Taxa de informalidade: 38,4%** da população ocupada (31,6 milhões de pessoas)

- Era 36,9% no segundo trimestre
- E 41,4% no terceiro trimestre de 2019

Considerações:

Os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD Contínua, referente ao 3º trimestre de 2020, mostraram piora no mercado de trabalho. De acordo com a pesquisa, no trimestre de jul-ago-set/2020 a taxa de desocupação chegou a 14,6%, a pior taxa desde o início da série histórica iniciada em 2012. Houve agravamento no quadro tanto na comparação com o 2º trimestre do ano, quanto com o mesmo período do ano passado. A população desocupada chegou a 14,1 milhões de pessoas, o que significa que, nos últimos 3 meses, o desemprego atingiu mais 1,3 milhão pessoas.

Parte desse aumento se deve ao relaxamento das medidas de restrição da Covid19, quando aqueles que perderam o emprego devido à pandemia, voltam ao mercado de trabalho em busca de uma nova ocupação. Isso agrava a situação, pois conforme a metodologia adotada pelo IBGE, é considerado desempregado aquele que tomou alguma atitude para buscar emprego no período analisado.

A se considerar a taxa de subutilização, o estrago da pandemia foi ainda maior. Esse indicador considera não só aqueles que procuraram emprego no período analisado, mas também aqueles que não procuraram, mas gostariam de trabalhar. Esse contingente cresceu 20,9% frente ao mesmo trimestre do ano passado.

A pandemia do novo coronavírus impactou também a informalidade. No 3º trimestre do ano o número de trabalhadores sem carteira assinada chegou a 9 milhões, aumento de 4,3% frente ao 2º trimestre e 23,9% na comparação com o 3º trimestre de 2019. A taxa de informalidade atingiu 38,4% da população ocupada, o que equivale a 31,6 milhões de trabalhadores informais.



ECONOMIA EM FOCO

Indicadores Econômicos da Cotec/FIEG

FIEG

PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

Diante desse cenário, a expectativa é de que a taxa de desemprego alcance os 17% em 2021. Além dos efeitos da pandemia, a redução do auxílio emergencial, e posteriormente sua extinção, podem impelir mais pessoas a buscar um novo emprego.

O Brasil que já vinha de uma forte recessão econômica, com impactos nos números do emprego se vê novamente com dificuldades em engrenar uma retomada. O mercado de trabalho é um forte termômetro da economia, e pode ainda sofrer os efeitos de uma possível segunda onda da Covid19.

Januária Guedes

Fieg/Cotec – Área Econômica